

Pode ser interessante procurar relacionar esses fenômenos.

Para finalizar, mencionaremos certos casos de especialização léxica, como quando se usa o verbo *dar* sem complemento. Nesses casos parece que funcionam convenções restritas a um único item; o fenômeno é altamente idiossincrático, e chegamos a pensar se, em algum sentido, não se tratará de "outro" item léxico, de modo que teríamos dois verbos *dar*, um deles marcado 'Rec-obj. direto'. Esse é ainda um assunto para investigação futura.

7. Conclusão

O problema da transitividade verbal não pode ser tratado independentemente do problema de definir claramente as funções sintáticas ("termos da oração"); são duas partes da gramática que se relacionam muito intimamente. Neste artigo procuramos esboçar em linhas gerais um modelo para a descrição da transitividade; e em um outro artigo, a ser publicado em breve, tentaremos fazer o mesmo para as funções sintáticas. Com base nesses dois textos deverá ser possível injiciar a tarefa de descrever em maior detalhe esses dois importantes setores da gramática.

Esperamos, além disso, que estes textos estimulem a discussão e a pesquisa sobre esses e outros aspectos da língua, ajudando assim a impulsionar o esforço de elaborar uma nova gramática do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAFE, W.L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topic, and point of view. In: Li, Ch. N., (org.) *Subject and Topic*. Academic Press, 1976.
- FILLMORE, C.J. The grammar of hitting and breaking. In: Jacobs, R. e Rosenbaum, P.S., (orgs.) *Studies in English Transformational Grammar*. Walham, Mass., Ginn, 1970.
- GROSS, M. Remarques sur la notion d'objet direct en français. *Langue française* 1; 1969.
- KOSTER, J. Conditions, empty nodes, and markedness. *Linguistic Inquiry*, 9, 4; 1978.
- KURY, A.G. *Pequena Gramática para a Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical*. Rio de Janeiro, Agir, 1967.
- . *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo, Ática, 1985.
- LIBERATO, Y.G. *Sobre a Oposição Dado/Novo*, dissertação de mestrado, UFMG, 1980.
- LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1970.
- LUFT, C.P. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1976.
- MARTIN, J.W. Gênero?, *Revista Brasileira de Linguística*, 1, 2; 1975.
- MARTINET, A. *Grammaire Fonctionnelle du Français*. Paris, CRÉDIF, 1979.
- MATEUS, M.H.M.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.S.; e FÁRIA, I.H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.
- PERINI, M.A. *Para uma Nova Gramática do Português*. São Paulo, Ática, 1985.
- . (em preparação) *Funções Sintáticas*.
- RUMELHART, D.E. e ORTONY, A. The organization of knowledge in memory. Center for Human Information Processing, University of California, Technical Report n.º 55, 1976.

DIFICULDADES NA LEITURA/PRODUÇÃO DE TEXTOS: os conectores interfrásticos

INGEDORE GRUNFELD VILLAÇA KOCH*

*PUC/SP.

O objetivo deste ensaio é, portanto, apresentar uma proposta para a solução deste problema.

2. Os elementos de conexão seqüencial e a coesão do texto

Entre os fatores de textualidade — conjunto de propriedades que qualquer manifestação lingüística deve possuir para constituir um texto —, destacam-se a conexão seqüencial (ou coesão) e a conexão conceitual-cognitiva (ou coerência). A primeira diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos da superfície textual se encontram relacionados entre si numa seqüência linear; a segunda, à maneira como os componentes do universo textual — conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície — se unem numa configuração, de modo acessível e relevante. (cf. Beaugrande-Dressler (1981), Marcuschi (1983), Mateus et al. (1983)).

Dentre os elementos que asseguram a conexão seqüencial, são relevantes, para fins deste trabalho, os responsáveis pelo relacionamento de enunciados entre si e/ou de enunciados com o próprio evento da enunciação, isto é, os que assinalam os processos de seqüencialização, por meio dos quais se exprimem os diversos tipos de interdependência semântica e/ou pragmática entre os enunciados componentes de uma superfície textual.

Tal interdependência é marcada, lingüisticamente, de duas maneiras: por meio de conectores interfrásticos e por meio de pausas.

É ao exame dos diversos tipos de conectores interfrásticos que será dedicada a seqüência deste trabalho.

3. Os conectores interfrásticos

Cabe, em primeiro lugar, distinguir entre dois tipos básicos de elementos de conexão interfrástica: os conectores de tipo lógico e os encadeadores de tipo discursivo.

A função dos primeiros é a de apontar o tipo de relação lógica que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições. Trata-se, no caso, de um único enunciado, resultante de um ato de fala único, visto que nenhuma das proposições constitui objeto de um ato de

1. Introdução

Pretendo, neste trabalho, proceder ao exame dos principais tipos de conectores interfrásticos e apresentar uma proposta para o ensino desses elementos, que vise ao desenvolvimento da competência textual dos alunos em língua materna.

Estudos recentes como os de Rocco (1981) e Lemos (1977), entre vários, têm revelado que o uso inadequado dos conectivos constitui um dos maiores problemas nas redações escolares. Kleiman (1983), por seu lado, procura fazer um diagnóstico de dificuldades na leitura, utilizando, para tanto, o teste *cloze*. Dois testes *cloze* modificados foram aplicados a 93 alunos, de 5.^a e 6.^a séries do 1.^o grau, cujas idades variavam entre 10 e 15 anos. Tratava-se de duas descrições, extraídas de um texto didático de Comunicação e Expressão para a 6.^a série, numa das quais foram apagados, a intervalos de cinco palavras, vocábulos lexicais (nomes, adjetivos e verbos principais) e, na outra, também a intervalos de cinco palavras, vocábulos de relação (artigos, preposições, conjunções e verbos auxiliares). Embora a hipótese inicial de trabalho predisse que os alunos demonstrariam maior incerteza (e, portanto, maior dispersão nos preenchimentos) e mais desvios do texto original no teste com apagamentos lexicais, a análise dos resultados veio revelar mais desvios e variação nas repostas do teste *cloze* com apagamento de vocábulos de relação, demonstrando, assim, segundo palavras da autora, que os “conectivos são de difícil acesso mesmo quando o contexto fornece as pistas necessárias para determinar seu valor”, já que “a criança mostra-se incapaz de explicitar o significado do conectivo, significado para o qual não há de fato pistas estruturais, utilizando os outros componentes do texto (Halliday e Hasan, 1970)” (p.47). Ressalta ela que a capacidade de especificar as relações do texto é crucial à capacidade textual, visto que é somente quando a criança explicita relações textuais que mostra ter entendido o texto como unidade e não como um repositório de sentenças.

enunciação compreensível independentemente da outra. Tem-se aqui o que Ducrot (1972) denomina de *frases ligadas*.¹

Já os segundos são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada um dos enunciados resultante de um ato de fala diferente. Neste caso, o que se afirma não é a relação de tipo lógico existente entre aquilo que é asseverado por duas proposições; produzem-se, isto sim, dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema.² Prova de que se trata de enunciados diferentes, resultantes de atos de fala distintos, é que eles poderiam ser apresentados sob forma de dois períodos ou até proferidos por locutores diferentes. Tal tipo de encadeamento pode, pois, ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto. Daí a denominação dada aos conectores desse tipo de operadores ou encadeadores de discurso.

3.1. Conectores de tipo lógico³

Passo a examinar as principais relações de tipo lógico⁴ que se podem estabelecer entre proposições, no interior de um enunciado, e alguns conectores que podem ser usados para expressá-las, em português.

3.1.1. Relação de condicionalidade⁵ — é expressa pela combinação de duas proposições, uma introduzida pelo conector *se* (antecedente) e outra por *então*, que pode vir implícito (consequente). Estabelece-se uma relação entre o antecedente e o consequente, ou seja, afirma-se que, sendo o antecedente verdadeiro, o consequente também o será. É o caso de:

¹ Para melhor explicitar a noção de frases ligadas, Ducrot introduz o conceito de *predicado complexo*, constituído quer de um predicado elementar sobre o qual agiram diferentes operadores, quer pela fusão de predicados elementares entre si ou de predicados elementares com orações, podendo essas possibilidades combinar-se mutuamente. Desse modo, no caso das relações de tipo lógico, como as de causalidade, mediação, temporalidade, complementação etc., que serão abordadas mais adiante, tem-se frases ligadas, dotadas de predicados complexos.

² Tem-se, neste caso, a *coordenação semântica*, segundo a terminologia de Bally (1944), retomada por Ducrot (1972).

³ A expressão *conectores de tipo lógico* deve-se ao fato de tais conectores, apesar de apresentarem semelhanças com operadores lógicos propriamente ditos, não se confundirem com estes, já que a "lógica" das línguas naturais difere, sob diversos aspectos, da lógica formal.

⁴ Um estudo mais aprofundado destas relações encontra-se em Koch (1984).

⁵ Embora, do ponto de vista lógico, a relação de condicionalidade englobe as de causalidade e mediação, apresento-as separadamente por razões didáticas, visto que meu objetivo é examinar os diversos tipos de conectores de que a língua dispõe para exprimir cada tipo de relação semântica, tendo em vista facilitar o ensino/aprendizagem destes elementos.

1) Se aquecermos o ferro, (*então*) ele se derreterá.

2) Caso faça bom tempo, (*então*) iremos à praia.

3) Se você fosse realmente minha amiga, (*então*) teria tentado ajudar-me nesta situação difícil.⁶

3.1.2. Relação de causalidade — é expressa pela combinação de duas proposições, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência expressa na outra. Tal relação pode ser veiculada de diferentes maneiras:

4) O riacho transbordou. $\xrightarrow{\text{porque}}$ choveu demais.
já que $\xrightarrow{\text{causa}}$
visto que $\xrightarrow{\text{consequência}}$ o riacho transbordou.

5) Choveu tanto $\xrightarrow{\text{causa}}$ que $\xrightarrow{\text{consequência}}$ o riacho transbordou.

6) Choveu demais; $\xrightarrow{\text{causa}}$ por isso, $\xrightarrow{\text{consequência}}$ o riacho transbordou.

7) Como $\xrightarrow{\text{causa}}$ tivesse chovido demais, $\xrightarrow{\text{consequência}}$ o riacho transbordou.
Por $\xrightarrow{\text{causa}}$ ter chovido demais $\xrightarrow{\text{consequência}}$

3.1.3. Relação de mediação — exprime-se por meio de duas posições, uma das quais explicita o(s) meio(s) para se atingir determinada fim expresso na outra:

8) Fiz o possível *para que* ele não fosse despedido.

9) O advogado usou de todos os recursos *a fim de que* os jurados se convencessem da inocência do réu.

10) Esforça-te *para* venceres na vida.⁷

3.1.4. Relação de disjunção — a disjunção de tipo lógico é expressa por meio de duas proposições ligadas pelo conector *ou*. Todavia, esse conector é ambíguo em língua natural, pelo fato de possuir dois significados diferentes, embora, em parte, relacionados: o *ou inclusivo* (ou *débil*), correspondente ao latim *vel*, que significa *um ou outro*,

⁶ Julgo desnecessário, também, levando em conta o objetivo deste trabalho, apresentar a distinção entre condicionais factuais (reais), não factuais (hipotéticas) e contrafactuais (irreais).

⁷ Embora as gramáticas tradicionais só considerem como conectivos oracionais as *conjunções* e os *pronomes relativos*, que introduzem orações desenvolvidas quanto à forma, a noção de conectivos interfrásicos deve englobar, também, sob um enfoque textual, as preposições e locuções prepositivas responsáveis pelo relacionamento de proposições, como ocorre frequentemente nas reduzidas de infinitivo, além de outros elementos, como advérbios, locuções adverbiais, etc., que operam o encaminhamento de enunciados.

possivelmente ambos (= e/ou); e *ou exclusivo* (ou forte), correspondente à forma latina *aut*, que exclui a verdade de ambas as proposições. Observe-se:

- 11) Pediu-se aos participantes da passeata que usassem roupas amarelas *ou* trouxessem bandeiras da mesma cor. (inclusivo)
 12) Você gostaria de ir, hoje à noite, ao teatro *ou* prefere assistir ao jogo pela televisão? (exclusivo)

3.1.5. *Relação de conformidade* – expressa-se por meio de duas proposições, em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma delas com relação a algo asseverado na outra:

- 13) O farmacêutico aviou a receita

<i>conforme</i>	o médico havia
<i>segundo</i>	
<i>consoante</i>	

 determinado.

3.1.6. *Relação de temporalidade* – é a relação por meio da qual se localizam no tempo, uns relativamente aos outros, ações, eventos ou estados de coisas do mundo real, veiculados por intermédio de duas proposições. Tal relação pode ser de vários tipos:

- a) *tempo simultâneo* (exato, pontual) – marcado pelos conectores *res quando* (= *no momento em que*), *assim que*, *logo que*, *nem bem*, *mal*, etc.:

- 14) *Quando*

chega em casa,	começa a implicar com a mulher.
----------------	---------------------------------

Mal
Nem bem
Logo que
Assim que

- 15) *Assim que* souber do resultado do concurso, eu lhe telefonarei.
 16) Teve um colapso *no momento em que* teve notícia do acidente.
 b) *tempo anterior/tempo posterior* – expresso pelos conectores *depois que*, *antes que*:

- 17) *Depois que* eu terminar a pesquisa, pretendo dedicar-me ao magistério.
 18) O diretor entrou subitamente na sala. *Antes que* os funcionários se recobrassem do susto, começou a pregar-lhes um violento sermão.

- c) *tempo contínuo ou progressivo* – assinalado pelos conectores *enquanto*, *desde que*, *à medida que*, *à proporção que*:

- 19) *Enquanto* a garota lia, o irmãozinho desmanchava-lhe as tranças.
 20) *Desde que* perdeu os pais, Pedro não mais retornou à terra natal.

- 21) A jovem despediu-se do noivo. *À medida que* o trem se afastava, seus olhos se enchiam de lágrimas.

- 22) *À proporção que* os alunos forem concluindo os trabalhos, deverão dirigir-se à sala de projeções.

3.1.7. *Relação de complementação* – expressa-se por meio de duas proposições, uma das quais complementa o significado de um termo da outra:

- 23) Esperei *que* os importunos se retirassem.
 24) Não sei se esta é a melhor solução.

25) Foi aventada a possibilidade de *que* os alunos participassem da reunião do Conselho.

3.1.8. *Relação de delimitação ou restrição* – é expressa por duas proposições, uma das quais restringe a extensão de um termo da outra, delimitando-a a um subconjunto deste:

- 26) Cão *que* ladra não morde.
 27) Cortei as árvores *cujos* troncos estavam podres.
 28) A jovem a *quem* o poeta dedicou seus versos é realmente muito bela.

3.2. Encaixadores de discurso

As relações de tipo discursivo – a que se pode denominar também de *pragmáticas* ou *retóricas* – são marcadas pelos *encaixadores de discurso*, responsáveis pelo encaixamento sucessivo de enunciados, dando-lhes uma orientação discursiva e estruturando-os em texto. Tais encaixadores podem ser de duas espécies: os *operadores argumentativos* e os *operadores de sequencialização*.

3.2.1. Operadores argumentativos

São elementos de valor essencialmente argumentativo, responsáveis pela orientação discursiva global dos enunciados que encaixam, dando ao texto uma direção argumentativa, isto é, orientando o seu sentido em dada direção. Tais elementos constituem-se em marcas linguísticas importantes da enunciação.⁸

3.2.1.1. Operadores de conjunção

Trata-se de operadores como *e*, *também*, *não só* . . . *mas também*, *tanto* . . . *como*, *além de*, *além disso*, *ainda*, *nem* (= e não), que adicionam enunciados cujos conteúdos constituem argumentos a favor de uma mesma conclusão:

- 29) A equipe jogou muito bem. A defesa demonstrou segurança em todas as intervenções *e* o ataque foi sempre agressivo.

- 30) É, sem dúvida, o melhor candidato. Apresenta propostas concretas de governo.

<i>Além disso</i>	, revela pleno conhecimento
<i>Também</i>	

⁸ Para um detalhamento maior da questão, consulte-se, entre outros, Koch (1984).

dos problemas da população. Convém frisar, *ainda*, que não faz promessas demagógicas.

31) A reunião foi um fracasso. Não se chegou a nenhuma conclusão, *nem* (= e não) se discutiu o problema central.

32) O trabalho está satisfatório. *Além de* não apresentar contradições internas, revela perspicácia e criticidade.

3.2.1.2. Operadores de disjunção argumentativa

Note-se que não se trata, aqui, da disjunção lógica entre o conteúdo de duas proposições, mas sim da disjunção de enunciados que têm orientações discursivas diferentes, resultantes de dois atos de fala distintos. É estabelecida por meio dos operadores *ou*, *ou então*:

33) Faça o que foi combinado. *Ou* você já se esqueceu de sua promessa?

34) Pode-se dizer que todo voto é útil. *Ou* não foi útil o voto dado ao rinoceonte "Cacareco" há alguns anos atrás?

3.2.1.3. Operadores de contrajunção

São os conectores que pertencem à área semântica de oposição,⁹ tais como: *mas*, *porém*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*, *não obstante*, *embora*, *apesar de (que)*, *ainda que*, *se bem que*, *mesmo que* etc., cujo conteúdo se opõe a algo explícito ou implícito em enunciados anteriores:

35) Estava cansado, *mas* resolveu sair para espalhar um pouco.

36) Tinha todos os títulos necessários,

<i>porém</i>
<i>contudo</i>
<i> todavia</i>
<i>entretanto</i>
<i>no entanto</i>

 não conseguiu o cargo desejado.

37) *Embora*

conhecesse bem o rapaz,
surpreendeu-se com as suas atitudes naquela festa.

Ainda que

38) *Apesar de* ter chovido o dia todo, o calor abafado continua. *Mas*, considerado por Ducrot (1980)¹⁰ o operador argumentativo por excelência, pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos, quando estes se orientam em sentidos contrários, como ocorre em (39) e (40):

⁹ Garcia (1978), entre outros, agrupa tanto as conjunções *adversativas*, quanto as *concessivas* das gramáticas tradicionais, dentro da área semântica de oposição, posição que é também adotada pela linha da Semântica Argumentativa. A diferença de emprego desses conectores pode ser explicada, como postula Guimarães (1981), em termos de *estratégias de relação*, como a da *antecipação* e a do *suspensão*.

¹⁰ Grande parte deste trabalho de Ducrot é dedicada ao estudo do operador *mas* e aos "milagres" que este pode operar, em termos argumentativos.

39) "Jeanne, tendo acabado de arrumar as malas, aproximou-se da janela, *mas* a chuva continuava."

(Maupassant, "Une Vie")

40) O silêncio do diretor foi bastante longo, *mas*, para o ansioso estudante, pareceu durar um século.

Tem-se, em todos os casos, dois elementos semânticos *p* e *q* que se opõem: *p* orienta para uma conclusão *R* e *q*, para a conclusão contrária $\sim R$, sendo *q* argumento mais forte para $\sim R$ do que *p* o é para *R*. Em (35), *estava cansado (p)* é argumento para *ficar em casa (R)*; *q* leva à conclusão contrária ($\sim R$): *sair para espalhar*, de modo semelhante ao que ocorre em (36), (37) e (38). Em (39), o elemento semântico *p* está implícito: trata-se do *desejo* de Jeanne de que a chuva tivesse parado, para que pudesse viajar; *q* se opõe a este desejo, e não ao conteúdo explícito no enunciado que antecede o *mas*. Em (32), o que o *mas* opõe é a *duração real* e a *duração psicológica do silêncio do diretor*. Note-se que, aparentemente, *p* e *q* têm a mesma orientação argumentativa, já que ambos insistem sobre a duração do silêncio; no entanto, *q* constitui um argumento a favor da *intensidade do sentimento*, da expectativa do estudante, já que, como a duração do silêncio foi apresentada como bastante longa, quanto mais se prolonga a duração aparente (psicológica), mais se atesta a força de sentimento.¹¹

3.2.1.4. Operadores de justificativa ou explicação

São conectivos do tipo *pois*, *que*, *porque*, através dos quais se introduz um *ato de justificativa* ou de *explicação* de um outro ato de fala anteriormente realizado. Vejam-se os exemplos:

41) "Não chores, morena, *que* eu volto."

42) Deve ter faltado energia, *pois* a geladeira está descongelada.

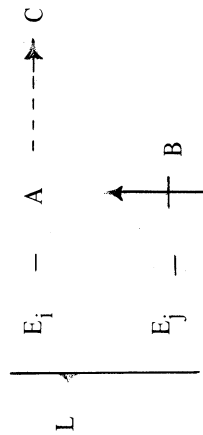
43) Encontrei seu noivo ontem no cinema, *tanto que* ele estava de ternô marrom.

Observe-se que, em todos esses exemplos, não se trata de uma relação de causa e consequência entre os conteúdos de duas proposições, relação que se expressa por meio de um ato de fala único, em que a asserção recai justamente sobre essa relação (como é o caso das relações de causalidade). Tem-se, aqui, um segundo enunciado, resultante de um novo ato de fala, que visa a justificar o ato de fala anterior.

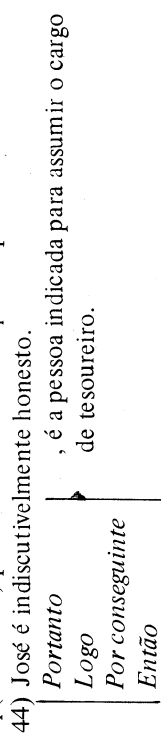
¹¹ Consultem-se as análises apresentadas por Ducrot, no artigo supracitado, de diversos trechos literários, entre os quais o de Maupassant ("Une Vie"), que traz para efeitos deste trabalho o de Dumas ("Vingt ans après"), por mim adaptado: "Après un silence qui fut assez long en réalité, mais qui parut un siècle à Rochefort, Mazarin tira d'un liasse de papiers une lettre ouverte."

3.2.1.5. Operadores de conclusão

São operadores como *portanto*, *logo*, *pois*, *então*, *por conseguinte*, que introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a dois atos de fala anteriores, um dos quais, geralmente, fica implícito, a não ser nos silogismos completos. Guimarães (1985) descreve as relações conclusivas da seguinte maneira:



Isto é, o discurso do locutor incorpora dois enunciadores E_i e E_j . E_j enuncia B , que constitui argumento em que se sustenta E_i para de A concluir C .¹² E_j pode ser um enunciador genérico (a "vox populi", o senso comum), um enunciador universal, ou o próprio locutor.¹³ No caso dos silogismos lógicos, E_j é sempre um enunciador genérico, razão pela qual o enunciado a ele atribuído (premissa maior) pode vir implícito (raciocínio entimemático). No discurso científico, E_j é um enunciador universal. É a partir do ato de fala B de E_j (explícito ou implícito) que E_i (= locutor) produz o enunciado A que lhe permite concluir C :



(E_j (genérico) = As pessoas honestas são indicadas para o cargo de tesoureiro).

45) O time jogou desentrosado. O novo atacante não poderia, *pois*, ter mostrado toda a sua classe.

(E_j = É preciso que o time jogue entrosado para que cada um dos jogadores possa exibir um bom futebol.)

3.2.1.6. Operadores de comparação

São os operadores (*tanto*, *tal*)... *como*, *mais*... (do) *que*, *menos*... (do) *que*, que estabelecem, entre dois termos, uma relação de comparação. Esta, como demonstra Vogt (1977, 1980), possui um

¹² Tem-se, aqui, um caso de *polifonia*, conceito desenvolvido por Ducrot, em seus últimos trabalhos, e que vem sendo estudado por autores como Guimarães, Vogt e Koch.

¹³ Neste caso, o enunciado passa de polifônico a monofônico, isto é, monofonizante.

caráter por excelência argumentativo. Segundo ele, a estrutura argumentativa analisa-se sempre em termos de *tema* e *comentário*, apresentando-se este como argumento em relação àquele. Tema e comentário são permutáveis do ponto de vista sintático (isto é, a comparação desfruta de uma ambigüidade estrutural relativamente à organização tema/comentário), mas não o são do ponto de vista argumentativo; se B é um argumento favorável a A , então A é um argumento desfavorável a B , em estruturas do tipo:

A é (está) mais X que B

A é (está) menos X que B

A é (está) tão X quanto B

Assim, num enunciado como:

46) João é *mais* alto *que* Pedro

Se *Pedro* for o tema, por exemplo, em resposta a uma pergunta como:

47) Pedro é capaz de alcançar aquele galho?

A argumentação será desfavorável a ele, e favorável a João, podendo ser assim parafraseada:

48) Não Pedro, mas João é capaz de alcançar aquele galho.

Por outro lado, tomando-se João como tema, como resposta a:

49) João é capaz de alcançar aquele galho?

O movimento argumentativo será favorável a João, embora não se deixando de reconhecer ("mantendo-se", segundo Vogt) a "grandeza" de Pedro. Aqui, a paráfrase adequada seria:

50) Pedro é alto, mas João é mais alto.

O inverso ocorre no comparativo de inferioridade. Se, em resposta a (47), dissermos:

51) João é *menos* alto *que* Pedro.

Sendo *Pedro* o tema, o movimento argumentativo lhe será favorável; ao passo que, usando-se (51) como resposta a (49), em que João é o tema, argumenta-se de maneira desfavorável a João.

Finalmente, em:

52) João é *tão* alto

quanto
como

 Pedro.

Se *João* é o tema (resposta a (49)), o enunciado serve para assinalar a sua "grandeza", isto é, constitui-se de modo a fornecer um argumento favorável para *João*; sendo *Pedro* o tema (resposta a (47)), o enunciado se dispõe de modo a assinalar a sua "pequenez", ou seja, o movimento será argumentativamente desfavorável a *Pedro*.

O comparativo de igualdade apresenta-se, pois, como um equilíbrio passageiro entre dois pesos de uma balança, que, por isso mesmo, se sustenta por uma oposição entre os termos comparados: a igualdade e a

diferença nele coexistem, ou seja, a "igualdade", na comparação, já é um sintoma de diferença.

3.2.2. Operadores de seqüencialização

Para que uma manifestação lingüística seja coesa e coerente, é necessário que satisfaça determinadas condições conceituais de seqüencialidade no tempo, de ordenação relativa dos estados de coisas a que se refere. Existem, para tanto, os operadores de seqüencialização, que podem ter, no texto, duas funções: a) a de exprimir a ordem segundo o locutor teve a percepção ou o conhecimento de um dado estado de coisas do mundo real; b) a de assinalar a ordem segundo a qual os assuntos abordados no texto são apresentados e desenvolvidos. No primeiro caso, pode-se falar de *seqüencialidade temporal* e, no segundo, de *seqüencialidade textual*.¹⁴

3.2.2.1. Seqüencialidade temporal

Podem ser expressos por operadores como *antes*, *depois*, *primeiro*, *mais tarde*, *anteriormente*, *posteriormente*, *por fim*, *em seguida*, *finalmente* etc.:

53) Deixou de mandar notícias. *Mais tarde*, soubemos que havia morrido.

54) *Primeiro* iremos ao cinema, *depois* a uma lanchonete e, *por fim*, visitaremos um casal de amigos.

3.2.2.2. Seqüencialidade textual

Expressa-se pelos mesmos operadores:

55) Tratarei, *em primeiro lugar*, da origem do termo;

depois, de sua evolução histórica;

finalmente, do emprego que tem em nossos dias.

por fim

por último

56) Passarei a discutir a questão da transitividade; *em seguida*, examinarei os diversos tipos de complementos; *mais adiante*, procurarei distinguir complementos de adjuntos.

4. As pausas

Os conectores interfrásticos são, muitas vezes, substituídos por *pausas* (marcadas por dois pontos, vírgulas ou ponto final na escrita),

¹⁴ Os termos *seqüencialidade temporal* e *textual* estão sendo usados, aqui, em sentido estrito. Sem dúvida, a seqüencialidade é sempre temporal, no sentido de que um texto é uma manifestação linear, que se desenrola, portanto, no tempo; e é sempre textual, porque se manifesta textualmente.

que podem, portanto, assinalar tipos de relações diferentes, podendo ser facilmente explicitados. Observem-se os exemplos:

57) Resolveu isolar-se do mundo: não acreditava mais nos homens (causalidade)

58) Tentou convencer-nos de sua inocência; usou de todos os recursos possíveis. (mediação)

59) Perde o vício de mentir. Acabarás desacreditado. (condicionalidade)

60) A velhice chegou. Pedro já tinha realizado todos os seus sonhos. (temporalidade)

61) "Vim, vi, venci." (seqüencialidade temporal)

62) Não participei do simpósio: não posso dizer-lhe a que conclusões se chegou. (conclusão)

63) Não se desespere. Você acabará encontrando uma saída. (justificativa)

64) Maria não pôde comparecer à cerimônia do casamento. Mandou aos noivos uma cesta de flores. (contração)

5. Enunciados reduzidos

Também no caso de enunciados que se apresentam sob forma reduzida, sem conectores explícitos e com formas verbais de *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*, os diversos tipos de relações podem ser detectados com relativa facilidade. Observem-se os exemplos:

65) Terminada a festa do casamento, os noivos dirigiram-se ao aeroporto. (temporalidade)

66) "Vencido pelo cansaço, o pastorzinho adormecera." (causalidade)

67) Sendo plebéia, casou-se com um príncipe. (contração)

68) Esforçando-te, conseguirás o posto almejado. (condicionalidade)

69) A estátua foi ao chão, espatifando-se em mil pedaços. (causalidade)

Muitas vezes, porém, os enunciados com *gerúndio* ou *particípio* apresentam-se ambíguos, ao contrário dos enunciados com *infinitivo*.

nos quais o conector que o antecede permite, quase sempre, desfazer a ambigüidade. Comparem-se os exemplos de (70) a (73) com os de (74) a (76):

- 70) *Ao sair de casa, esqueceu-se de trancar a porta a chave.*
(temporalidade)
- 71) *Foi punido por ter matado o desafeto.*
(causalidade)
- 72) *A continuei nesse ritmo, acabaráis ficando doente.*
(condicionalidade)
- 73) *Usou de todos os meios*

<i>para</i>		<i>chamar a atenção do público.</i>
<i>a fim de</i>		<i>medição</i>
- 74) *Tentando escalar a montanha, perdeu o equilíbrio e rolou pela encosta abaixo.*
(temporalidade e causalidade)
- 75) *Mentindo dessa maneira, acabas desacreditado.*
(condicionalidade e causalidade)
- 76) *Entusiasmados com o palhaço, nem perceberam que o circo começava a pegar fogo.*
(temporalidade e causalidade)

Limite-me, aqui, a esta rápida alusão às pausas e aos enunciados reduzidos, em virtude de serem os *connectores interfrásticos* o objeto de estudo deste ensaio.

6. Conclusão

O levantamento dos diversos tipos de conectores interfrásticos e a discussão a respeito do seu emprego que acabo de apresentar poderão trazer contribuições no sentido de se sanarem dificuldades na leitura/produção de textos, relacionadas à explicitação e/ou ao reconhecimento de relações textuais marcadas por esses elementos.

Caberia, ainda, sugerir algumas estratégias para o seu ensino, algumas das quais já vêm sendo postas em prática com resultados satisfatórios.

1. Antes de mais nada, faz-se necessário chamar a atenção do aluno para os diferentes tipos de relações — de tipo lógico e discursivo — que se podem estabelecer entre duas proposições ou dois enunciados, a começar pelas menos complexas, aumentando-se, gradativamente, o nível de dificuldade.

2. A seguir, nas atividades de leitura, é preciso levar o aluno a reconhecer tais relações, a princípio em pequenos textos e, depois, em

textos mais longos, mostrando-lhe a importância de encarar o texto como unidade, e não como simples somatório das frases que o compõem; e a perceber, além das relações intraproposicionais, aquelas que são responsáveis pela orientação argumentativa global do texto, capacitando-o, assim, a determinar, através dessa orientação, os sentidos possíveis para os quais aponta.

3. Só então apresenta-se o momento oportuno de conduzir o aluno a concentrar sua atenção nos elementos lingüísticos — os conectores interfrásticos — aos quais cabe marcar cada uma dessas relações. Pode-se pedir-lhe, em seguida, que substitua, nos textos, os conectores empregados por outros passíveis de exprimir a mesma relação; ou, então, que, através do uso de outros tipos de conectores, altere a relação, levando-o a concluir que, com isso, se modifica o sentido do texto.

4. No que tange à produção, diversos tipos de exercícios podem ser aplicados, entre os quais destacariam-se os seguintes:

a) pedir ao aluno que, a partir de duas proposições, estabeleça entre elas relações de tipo lógico, a começar pelas menos complexas, chamando-lhe a atenção para os conectores que utiliza para tanto;

b) solicitar-lhe que encadeie diversos enunciados, por meio de operadores de discurso, dando-lhes determinada orientação argumentativa; ir graduando as dificuldades, levando-o sempre a refletir sobre os operadores empregados;

c) sempre que um conector for empregado inadequadamente, fazer o aluno voltar ao texto, mostrando-lhe a razão da impropriedade e, fazendo-o refletir sobre o tipo de relação, pedir-lhe que substitua o conector por outro mais condizente, para exprimir a relação desejada;

d) utilizar a técnica cloze, quando o aluno já for capaz de reconhecer os tipos de relações e tiver conhecimento dos conectores de que se pode servir para veiculá-las, procedendo-se do mesmo modo indicado acima quando do preenchimento das lacunas com conectores inadequados;

e) propor exercícios de substituição de conectores por outros capazes de expressar a mesma relação;

f) pedir ao aluno que redija paráfrases estruturalmente diferentes de pequenos textos, mantendo, porém, os mesmos tipos de relação;

g) fazer com que, nos mesmos textos, altere determinadas relações através do uso de outro tipo de conectores;

h) levar o aluno a desenvolver textos, a partir de tópicos dados, utilizando, para tanto, relações previamente estabelecidas.

Penso que estes são alguns procedimentos que se podem aplicar no sentido de garantir que os alunos se conscientizem do modo de funcionamento dos conectores interfrásticos, tornando-se aptos a utiliza-

rem-nos adequadamente nos textos que produzem e a detectarem as relações estabelecidas por intermédio deles, nos textos que lêem, permitindo-lhes depreender o seu sentido global. Este será, sem dúvida, um passo importante no desenvolvimento da capacidade textual dos alunos, em língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, Ch. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. ed. Berne: A. Francke, 1965.
- BEAUGRANDE, R. de & DRESSLER, W. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1981.
- DUCROT, O. *Dizer e não dizer. Princípios de Semântica Linguística*. Trad. bras. São Paulo, Cultrix, 1977.
- . *Analyses Pragmatiques. Communications*, 32, Paris, Ed. du Seuil, 11-60, 1980.
- GARCIA, O.M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1978.
- GUIMARÃES, E.R.J. *Polifonia e Tipologia Textual. Cadernos PUC*. 22, São Paulo, EDUC, no prelo.
- . *Estratégias de relação e estruturação do texto. Sobre a estruturação do discurso*. Campinas, IEL/Unicamp, 1981.
- KLEIMAN, A.B. *Diagnóstico de dificuldades na leitura. Uma proposta de instrumento. Cadernos PUC*, 16, São Paulo, EDUC/Cortez, 1983.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez, 1984.
- LEMOS, C.T.G. *Algumas estratégias. Cadernos de Pesquisa*, 23, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1977.
- MARCUSCHI, L.A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Série Debates 1, Univ. Federal de Pernambuco, 1983.
- MATEUS, M.H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.
- ROCCO, M.T.F. *Crise na Linguagem. A Redação no Vestibular*. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo, Ática, 1977.
- . *Linguagem, Pragmática, Ideologia*. São Paulo, Hucitec/FUNCAMP, 1980.

O CLOZE NA AVALIAÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARTA KIRST*

*Professora de Linguística e de Língua Portuguesa na PUCRS e na FAPA.